

## 4 Conclusão

Chegar a esta página implica em colocar-se diante de uma das perenes ambigüidades do desejo humano. Referimo-nos àqueles muitos momentos em que finalmente se dá por encerrado algo que se quis muito terminar. Por outro lado, em outras ocasiões (que não são exatamente outras porque não se distinguem muito claramente do que deveria ser a impressão anterior), nós mesmos criamos empecilhos para chegar ao ponto final: é a tentação do inacabável. Tentadora, a idéia de fim é também dolorosa. Se encerrar, revisar, imprimir e entregar é bom, é igualmente bom poder encarar o trabalho como um processo, como uma espécie de - “é quase isso, mas ainda vai melhorar”. Melhor ainda é acreditar que um dia será possível atender às próprias expectativas. Como não há nenhuma possibilidade de que esse dia chegue, resta um misto de alegria, tolerância e frustração.

Tal sensação, acreditamos e especulamos, deve ter sentido o escritor e intelectual Eça de Queirós, que como pudemos ver, participou ativamente do processo de desenvolvimento e modernização de Portugal numa área árdua, – como a da educação ou da cultura – lutando contra os preconceitos, a má formação das jovens portuguesas e o atraso generalizado que impedia o país de inserir-se na Europa moderna do século XIX.

A luta de Eça, como pudemos observar no decorrer desta dissertação, inicialmente esteve presente nas *Farpas*, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Lá encontramos dois longos ensaios em que a questão da instrução está presente, ambos datados de março de 1872. No primeiro deles, como esclarece já no início, tecerá as suas reflexões sobre a instrução pública em Portugal partindo de algumas cifras. Já no segundo, faz um balanço da educação feminina, buscando traçar um retrato sociológico da jovem portuguesa.

No primeiro artigo, o autor de *O primo Basílio* começa lamentando o fato de a instrução em Portugal estar a cargo do governo pelo descaso que o Estado

tem com o ensino primário. Lamenta também o fato de a iniciativa privada não estar, como ocorre nas mais importantes nações européias, comprometida com a instrução em seu país.

Como exemplo desse descaso do Estado, relembra um decreto da lei de 20 de setembro de 1844, que autorizava as câmaras municipais, a suas expensas, a criarem escolas primárias. Ironicamente, revela que se tal medida faria supor um anseio das câmaras na construção de escolas, apenas uma fora fundada nos quase trinta anos de criação da lei.

Como antecipa de início, todo o artigo está pautado na análise de cifras referentes ao estado do ensino em Portugal. Comparando as estatísticas sobre o número de crianças em idade escolar, número de escolas, porcentagem de aproveitamento do ensino, as conclusões a que chega são alarmantes, a ponto de equiparar a situação portuguesa aos confins africanos ver um paralelo com a situação dos cafres – “de nossos irmãos os cafres”, como tristemente Eça de Queirós lamenta:

Existindo no nosso país, segundo as últimas estatísticas, 700.000 crianças, e não sendo justo que se apertem na estreiteza abafada de uma escola mais de 50 alunos (...), segue-se que deveríamos ter 14.000 escolas...

Temos 2.300!

(...) Das 700.000 crianças que existem em Portugal o Estado, nessas 2.300 escolas - ensina 97.000. Isto é, de 700.000 crianças estão fora da escola mais de 600.000!

Destas 97.000 crianças que freqüentam as escolas, sabeis, amigos, quantas se apuram prontas, por ano? Segundo as últimas inspeções - em cada 50 alunos apura-se 1 aluno!

Portanto Portugal, de 97.000 crianças que traz nas suas escolas - tira por ano, sabendo os rudimentos, 1940!

Mordei-vos de ciúmes, oh cafres!<sup>108</sup>

O tom de indignidade está presente em toda a argumentação desenvolvida por Eça. Mas ele não se restringe a levantar a questão. Apresenta também propostas que, no seu ponto de vista, poderiam contribuir para solucionar o problema. Ponderando, por exemplo, sobre a evasão escolar na zona rural, acredita que a solução é a criação e o fomento de escolas noturnas.

Entre outros aspectos que analisa está a situação do professor: o desestímulo provocado pela baixa remuneração e falta de um plano de carreira; a

<sup>108</sup> QUEIRÓS, Eça. *Obra Completa*. V.3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. P.844.

formação deficiente causada pela ausência de escolas normais que preparem o profissional para o ofício, fatores esses que contribuem para a má formação do professorado. No balanço final que faz, apostrofa:

Eis aqui o estado da instrução pública em Portugal, nos fins do século XIX. A instrução em Portugal é uma *canalhice* pública! Que o atual governo volte os seus olhos, um momento, para este grande desastre da civilização!<sup>109</sup>

Já no ensaio sobre a educação feminina, Eça de Queirós parte de um aforismo: “A valia de uma geração depende da educação que recebeu das mães”. Por esse motivo, passa a analisar “estas gentis raparigas de 15 a 20 anos de quem nascerá, para bem ou para mal, a geração portuguesa de 1893”<sup>110</sup>. Da falta de atividade física, alimentação inadequada, sujeição à moda - pernicioso, a seu ver, por prescrever modos de vestir e pentear prejudiciais à saúde feminina -, passando pelo automatismo da educação religiosa e os equívocos da formação moral, o autor de *O primo Basílio* não poupa nenhum dos aspectos que considera contribuir para a deficiente formação da jovem portuguesa, sobretudo a da capital do país. Alguns desses aspectos, aliás, ajudarão a compor algumas das personagens femininas de sua obra ficcional, como já foi visto.

Portugal não ficou indiferente a esta cruzada regeneradora e, nesta campanha, se empenharam, no séc. XIX, médicos, pedagogos e agentes de ensino. Contudo, a tarefa de mudar as mentalidades dos responsáveis pela educação, quanto à necessidade das raparigas fazerem exercício físico, por exemplo, não era fácil. Muito mais árduo, foi comprovar que a leitura de romances românticos pudessem prejudicar a formação moral das jovens e, em função disto, retirá-los do programa. Algumas mudanças foram ocorrendo gradativamente, mas nem todas foram ao encontro da totalidade das idéias defendidas apaixonadamente por Eça, em sua tribuna ou em seus romances.

Cabe-nos ainda ressaltar que a estética realista defendida por Eça em oposição à romântica está presente na dualidade do título da peça de Ernestinho – *Honra e Paixão*. *Honra* como um fator mais próximo do pensamento realista e *Paixão* ao ideário romântico. *Honra* como uma força masculina e *Paixão* como um sentimento feminino, ligado à dor. Por outro lado, não há porque negar a

<sup>109</sup> Ibidem. P. 848.

<sup>110</sup> Ibidem. 848-849.

influência, mesmo que indireta, de Gustave Flaubert na produção literária de *O primo Basílio*. Emma e Luisa são personagens muito próximas – mulheres, ambas jovens e recém casadas, incluídas em uma sociedade machista e indiferente ao verdadeiro papel da mulher na sociedade. Papel este que deveria ir muito além do famoso “anjo do lar” que a ideologia burguesa lhe destinara. Mas as similaridades param por aí, como muito bem observou o crítico literário, Silviano Santiago. Eça vai muito além. Ousa alcançar uma outra perspectiva, utilizando-se do mote da influência maléfica da literatura romântica, ele tentará influenciar a opinião pública e as autoridades de seu país no sentido de fomentar mudanças na educação portuguesa. Segundo o autor, a modernidade não está restrita ao olhar arquitetônico ou econômico de um país, mas intimamente ligada à educação do seu povo.

Para o comum leitor talvez a obra de Eça de Queirós seja apenas importante, mas não para quem olha a literatura como um imenso oceano. Um oceano onde, por vezes, as águas se tornam ondas agitadas. E o caso do projeto que orientou o romance *O primo Basílio*: levar Portugal à modernidade, por acreditar que o país permanecia em águas excessivamente paradas. Ao atirar uma pedra nessas águas calmas, de imediato se cria uma onda circular a partir da pedra, junto ao ponto de impacto. Então, esta onda começa a espalhar-se, atingindo as margens mais longínquas. É preciso, no entanto, que se atire a primeira pedra. Pois é certo que, quando ocorre o descobrimento, se consolida o nosso legado cultural.

Parece-nos, enfim, que isso sucede com o romance *O primo Basílio*. Eça lança mão do universo feminino para denunciar o atraso de seu país e as causas desse atraso – a tacanha moral burguesa. O mote do adultério estará ligado à traição, traição cometida por uma ideologia romântica em detrimento do avanço da cultura de um país.